

CONVERGÊNCIA CONGRESSO DE BARCELONA MAIO 2023

Palestra individual

Yankelevich Héctor

EFBA – AME

Ensaio sobre a função materna

Existe uma dificuldade, com certeza, tanto na teoria psicanalítica como na sua prática, para conceber porquê e quando uma mãe pode chegar a não criar para um filho a função do grande Outro, e ao mesmo tempo, porque uma vez criada, pode esta função desaparecer, sem que ela repare nem como foi criada, nem como desapareceu.

É por isso que acreditamos que o Outro, tanto o real como o simbólico existem, sem dúvida alguma, mas que também, em quanto criados, podem deixar de existir sem deixar sinal algum de quando aconteceu.

Não é necessário, no nosso parecer, acudir à forclusão do Nome do Pai para explicar-nos esta desventura, já que uma melancolização subclínica, sem manifestações de dor ne perdas atuais, pode ser suficiente para que se opere um retiro de investimento do bebê por nascer, ou já nascido, e inclusive ainda mais de uma criança alegre que já fala, caminha, ri, e brinca com as brincadeiras da sua idade.

É o desejo materno pela criança o que cria a função do grande Outro barrado, %, e esse desejo cria uma causa: Φ . Mas havendo escrito isto, não resolvemos a questão de quem goza e de quê. E ainda mais, de porquê uma relação – pois é uma relação – que deveria ser tão satisfatória, sofra tantos avatares, como se sua estabilidade, em muitos casos, estivesse sempre comprometida.

Porém, a letra Φ como causa do gozo tem uma dupla leitura e uma dupla função, sem a qual não nos seria útil nem operante na pesquisa do que acontece durante a identificação

primária; esta letra se lê como significação fálica/causa do gozo, o que permite distribuir a primeira do lado da mãe e a segunda do lado da criança, que ficará no real e sem retorno da repressão, como um objeto a incluído no eu e a lógica singular de suas paixões e não articulado à corrente significante.

O avatar lógico contrário também ocorre: quando a significação fálica com a que a mãe investe no seu filho desfalece ou cai repentinamente. Mesmo que o filho tenha superado amplamente a idade teórica do fim do espelho, as consequências serão um autismo secundário ou a descompensação psicótica adolescente. Suas demandas se voltam inaudíveis ou se transformam para ela em exigências “superyoicas” (Super Ego) que arrasam com seu amor, transformando-se em dever abnegado. A couraça obsessiva-educativa ou a melancolização fazem a sua entrada em cena.

Em ambos os casos de falha de Φ teremos que acudir, mais que ao progenitor real, à terceira geração para encontrar uma significação até agora inexistente.

A invenção do Outro, a tarefa de dar-lhe existência, desaparecem pouco a pouco de sua mútua relação e mesmo que a estrutura materna esteja ancorada para si mesma na função paterna, a desapareição de Φ como primeiro Nome do Pai entre ela e seu filho/a põe altamente em risco sua transmissão. É um dos grandes paradoxos da maternidade: uma mulher pode estar sujeita à função paterna e ao mesmo tempo não pode ser sua transmissora. A causa da identificação primária, Φ , é a escritura de uma antinomia cujos elementos não possuem a mesma potência. A significação fálica é a causa da sua transubstanciação em gozo fálico no corpo da criança. Aqui se encontra o princípio de todas as mudanças que Lacan vai operar sobre o corpus freudiano. Mas os resultados desta significação não são efetivos sobre as crianças futuras autistas e uma parte das psicoses infantis. Por quê?

Porque a significação fálica não atinge o bebê, se não que fica alojada nos limites do narcisismo materno. Isso não acontece só com as crianças autistas e psicóticas, também

mesmo que o efeito seja menor, acontece com aquelas que nunca foram simbolicamente amadas, às vezes não o sabem e sofrem suas consequências lógicas, que nós chamamos de “o Outro trauma”.

Logicamente poderíamos explicá-lo acudindo a uma afirmação conjuntista de Lacan: o Outro é como o conjunto vazio (Seminário XVI). Como? Estaríamos no direito de perguntar-nos: acaso o tesouro do significante, as correntes mesmas não pertencem ao Outro como tal? Com certeza, mas sem o conjunto vazio não se chega a eles, permanecem inatingíveis.

Para contar 1, +1, e -1, é necessário ao 0 do conjunto vazio acrescentar um parêntese {0}, para desse modo contá-lo como conjunto. Uma falha localizada no desejo de maternidade, escrito na estrutura dela como reparação do desejo do Outro, faz que esse conjunto não compute a criança, se não a mãe como criança desejada. É por isso que seu desejo só chegue a ela, que o grande Outro não é criado e a significação fálica não chega ao filho como causa do gozo.

Porém, se já estamos falando do 1 e suas funções, estamos supondo que a função S1 entrou em jogo, que finaliza a repressão primária de Φ como corda ao infinito e transformando-a na corda do real, fechando-se duas vezes sobre o simbólico e duas vezes sob o imaginário. A esse real não se terá nunca acesso como tal, salvo pela função da letra e sua repetição.

A passagem da identificação primária à secundária não é logicamente necessária. Acontece um de cada vez, em tempos reais singulares, dependendo do desejo singular da mãe, do pai e também do desejo da criança. Se lhe deram um lugar para seguir escrevendo uma frase que ela não começou.

Há entre mãe e filho uma demanda que não quer demandar mais, um desejo que não pode ser mais satisfeito (Ch. Melman em “Les ailes d’Eros”).

Mesmo que uma mãe tenha sido apenas por acaso, contada como um no desejo materno e também apenas ratificada pelo pai como tal, resta-lhe um grande lugar para seguir

contando-se a si mesma em algum lugar de seus filhos, já que ele lhe foi dado realmente por seu próprio pai e em consequência, como é ela mesma, pertence-lhe. Seu filho é a condição para pertencer-se a si mesma, que é o que em vão procura na vida.

Na sua primeira teoria da significação fálica, que não foi como tal substituída pelas mudanças ulteriores na definição das identificações, Lacan propunha que o plus da significação fálica fosse o produto da metáfora paterna. Sem ela não existia e se escrevia $\Phi=0$. No entanto, a partir do seminário RSI, a significação fálica é dada pelo Outro, e a função de S1 é separar o amor do sentido incestuoso que este contém, ficando inscrito como um dos dois pontos de cruzamento entre real e simbólico no nó “borromeo”, onde o primeiro passa por sobre o segundo.

A significação fálica é ressignificada pelo corte entre amor e desejo. Cada qual os amarrará à sua maneira.

O problema com o desaparecimento inconsciente do amor por um filho, é que o pai não pode entrar ali onde não há nem desejo nem gozo para separá-los. É como um gesso sobre uma perna de pau. A função do pai é dar outro amor se for uma filha, e um traço identificatório para fazer o luto de um amor repleto de sentido, se for um filho.

O que acabamos de propor é uma releitura com Lacan, que já tinha lido a Winnicott com muita atenção, do sintagma “good-enough mother”, mal traduzido como “mãe suficientemente boa” já que em inglês se entende como “mãe-apenas-boa”. Aquela a quem seu gozo não lhe sobra, como ao crocodilo, se não que não lhe é suficiente, aquela para quem seus filhos não só não criam o gozo, se não que o absorvem, a ela incluída.

OBRIGADO

Tradução: Lúcia Serra

